Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1091

20 de Abril de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

PROJETO DO MONUMENTO A JOÃO DE DEUS

Pelo esculptor José Moreira Rato

(Cliché Alberto Lima)

Chronica Occidental

A Lisboa devota de hoje não é mais do que uma palida sombra do que era a Lisboa devota de outros tempos. Decorre a quaresma, passa a semana santa, e é como se nada fosse. A culpa é dos filosofos modernos que tudo perturbam, tudo revolvem, tudo confundem: a terra, o céo e os infernos. Já o Diabo d'elles se queixa, na morte de D. João:

> Os filosofos modernos
> foram lá baixo, aos infernos,
> destruiram-me os telhados!

Penetraram nos escandalos de sacristia, boliram com a teologia, atingiram a egreja, desrespeitaram-na como governo, como elemento de civilisação, como garantia de liberdade. O instinto religioso da humanidade creara naturalmente e fatalmente a sociedade religiosa. E como toda a sociedade instituida importa a existencia de um governo que a dirija, posta a necessidade de uma direção para a sociedade religiosa, não havia governo mais perfeito que o da egreja.

Entrou-se porém a compreender que a religião não podia ser uma correlação exclusivamente individual entre o homem e Deus. Aos concilios, ás bulas e ás excomunhões corresponderam as reformas, as seitas, as protestações, as heresias. A' medida que se levantava e se afirmava no seu alicerce da razão a obra dos modernos filosofos, começavam a tremelicar nas suas peanhas os doutores da egreja. A idéa nova penetrava e esfuracava os animos na mesma proporção em que o caruncho perfurava e carcomia as imagens dos santos. A obra do livre pensamento substituia a obra de talha. Ao lado do pulpito, d'onde corria em catadupas alterosas a oratoria sagrada dos Vieiras, armava-se a tribuna, d'onde começavam a escorrer os acidos corrosivos da oratoria parlamentar. Com a mesma semcerimonia que era de uso na Serra da Falperra, os governos chamavam a si os bens dos conventos, os tesouros das egrejas, os usofrutos das irmandades. O Estado invadia os templos e mandava calar as rezas para fazer eleições. Involvido e assarapantado nesta desordem, o clero, considerando que o punham fóra de casa e não desejando ficar no olho da rua, abrigou-se na politica. Despiu á pressa as vestes talares, envergou o fraque secular, poz um chapeo de côco, e fez-se galopim, fez-se deputado, fez-se conselheiro da Corôa.

Uma bella tarde, a procissão do Encontro encontrou-se na rua com um prestito civico. E, pouco a pouco, os prestitos civicos foram tomando o logar das procissões. O dia do Corpo de Deus, que era de festa tão genuinamente lisboeta, foi ofuscado pelo Primeiro de Maio. Esmoreceu a alegria dos antigos cirios, tão pitorescos, tão cheios de caracter, para se inaugurar o costume recente dos cirios civis, tão falhos de interesse, tão pouco decorativos.

Na derrocada dos antigos bairros, e na expropriação das velhas casas, para o alargamento de ruas e avenidas, foram desaparecendo os nichos dos santos e os paineis de azulejo que havia nos cunhaes e por cima das portas.

Ao desprestigio do milagre correspondeu uma sensivel diferença para menos na mania das promessas. Nos reumatismos e nas gôtas, a opinião do medico que mandava o doente para as Caldas foi seguida de preferencia ao conselho do confessor, inculcando ao padecente o santo ou santa a que devia apegar-se. Na procura de empregos, os annuncios com que aos influentes politicos encheram os jornaes, garantindo o preenchimento de certas vagas de amanuenses ou de escrivães de fazenda, a troco de quinhentos mil réis, iniciaram uma concorrencia deslealissima com o Senhor dos Passos e com Nossa Senhora da Conceição, a quem esses favores eram pedidos d'antes, com promessas modicas de alguns arrateis de cera.

Nos actos mais solemnes da nossa vida, em que o cerimonial da egreja entrava como primeiro elemento de satisfação e de esplendor — o nosso casamento, o baptisado do nosso filho, o funeral da nossa sogra — introduziram-se os novos costumes, e tudo aquillo que d'antes se passava na egreja, com muito latim e com muito incenso, começou a passar-se na administração do bairro, com muito codigo e com muito mau cheiro.

E todavia, que formosas paginas seriam as d'esse livro em que se historiasse toda a tradição das crenças religiosas de Lisboa, perdida nas chronicas e nos agiologios!

Já D. Affonso Henriques mandava construir e fundar uma capela com a invocação da Virgem fóra dos muros antigos da cidade ocupada pelos sarracenos, e para ella fazia transportar quantos fieis, mortos e feridos, iam caindo no cêrco e no castelo. Era a Capela de Nossa Senhora da Enfermaria, no arraial dos allemães, ali pelo sitio de S. Vicente de Fóra; e de lá saía num memoravel dia de outubro, a caminho de Lissibona, pelos tortuosos matagaes de Alfungera, direito ás Portas do Sol, a solemnissima procissão comemorativa da tomada da cidade, indo El-Rei e todos os grandes, e todo o povo, e todos os colenences, bretões, flandrenses, aquitanos, normandos e portugalêses — verdadeiro triunfo capitolino das nossas armas, manifestação imponente de ação de graças, onde, ás formosas cerimonias do ritual cristão, realçadas com as nobres alfaias do despojo, acrescia a devota e vistosa concorrencia de toda a fróta, a dos cativos, a de povoações longinquas, ébrias de alegria expansiva, ao cabo de quatro mezes de trabalhadas incertezas. Que procissão esplendida com as suas interminaveis filas de soldados, monges, clerigos, armas rutilantes, cruzes, pendões heraldicos, o vozear solemne e espaçado das litanias cristãs!

A historia dos reis e dos grandes feitos que assignalaram os seus reinados, foram gravadas nos muros das egrejas. A idéa religiosa aliava-se com o ardor militar, e imprimia á arte cristã um caracter tão distinto e tão solido que resistiu aos seculos. Depois da Egreja dos Martires e da Egreja de S. Vicente de Fóra, que perpetuariam em todo o Islam o terror da queda de Lissibona, cada novo monarca portuguès ia ampliando em Lisboa o culto divino, fundando novos templos e ligando a cada um d'esses templos a memoria de algum grande facto glorioso, a invocação de algum santo predilecto, a saudade de algum querido ente, ou mandando abrir ahi a propria sepultura.

O exemplo dos monarcas estimulava as classes altas e atingia o povo. Não ha grande palacio de nobres que não tenha a sua capela, e o povo chega a construir algumas egrejas á sua propria custa, como a da Conceição e a de S. Paulo.

Fidalgos e plebeus organisam as suas irmandades e as suas confrarias, escolhem d'entre os santos e santas da côrte celeste os melhores advogados para as suas causas comuns. E cada um d'esses santos é colocado no seu altar com todas as honras devidas ao seu culto, e para cada um d'elles começa a encaminhar-se a propaganda eficaz de alguma grande devoção.

Nossa Senhora da Conceição é a padroeira do Reino, Santo Antonio é padroeiro de Lisboa. Mas porque se suponha que a uma e a outro não chegue o tempo nem a atenção, por muito boa que seja a vontade de ambos, para o cuidado e responsabilidade de tanto, a outros se incumbe a vigilancia de interesses parciaes. E ha então os santos que se tornam os solicitadores encartados, privativos, de certas classes e de certas corporações, em todos os negocios que porventura se relacionem com o fôro celeste. Os algibebes, os ourives, os confeiteiros, os prateiros, os remolares, os sirgueiros, até os medicos, passam procuração para tal fim aos seus santos prediletos.

Observa-se um movimento afanoso de piedade e de empenho mistico na tarefa de proporcionar a todos esses queridos santos e santas algum bem, alguma comodidade, algum prazer, que d'alguma maneira os compense, os indemnise, os desforre emfim do muito que sofreram com as privações e flagelos de que o Flos Santorum vem cheio, e de que parece chegar nos ainda á pituitaria, um pouco obstruida pelo pó dos seculos, essa emanação muito especial de santidade, em que o perfume suave das virgindades se mistura com o cheiro forte da carne assada dos martires, polvilhada com algumas pitadas de rapé dos doutores da egreja.

Graciosas mãos de princezas fazem girar nas dobadoiras os fios de oiro que hão-de orlar a fimbria dos vestidos das mais lindas santas. Delgados dedos de rainhas enfiam depois nos buraquinhos imperceptiveis das agulhas esses mesmos fios, e com elles começam a bordar nas sedas flôres e folhagens de tal maneira leves, que só a luz as agita, como se uma brisa perpassasse. São costureiras da côrte celeste as mais illustres damas da côrte de Lisboa. E nem a Rainha D. Brites, mulher de Affonso IV, póde ufanar-se de ter joias mais ricas e mais belas que aquellas com que os ourives ornam a fronte da imagem de Maria. Um sopro de inspiração divina impele para a arte sacra as mais formosas propensões de artistas. Lisboa chega a possuir a custodia de Gil Vicente, a Biblia dos Jeronimos, e as pinturas de Josepha de Ayalla.

As aspirações mais modestas dos espiritos devotos, não podendo encher os santos de dadivas ostentosas, fazem-lhes ofertas mais comesinhas, mas de muito bom proveito: alqueires e alqueires de trigo, bilhas e bilhas de azeite, arrateis e arrateis de cera. Para os santos se destina uma percentagem certa do producto das colheitas; e toda a semente é lançada á terra de combinação com elles: quanto melhor fôr a colheita, tanto maior a percentagem será. Depois, quando a morte se avisinha, e chega o momento de fazer as ultimas disposições, a que nesses tempos se chama ainda com supersticioso acato «a ultima vontade», frequentemente acontece faltar o folego ao moribundo quando só vae em meio o rol extenso dos seus legados piedosos: casas e cardaes para fundar conventos, fóros e rendas para confrarias, alfaias e joias para o tesouro dos mosteiros, dinheiro para missas.

Tornado usufrutuario d'uma parte avultada de tanta riqueza, o clero exibe o luxo, a ostentação e a soberba de que fala um Rei de Portugal ao Papa, quando menciona as razões que o obrigaram a cercear os bens temporarios dos eclesiasticos.

Se havia freiras e frades que andavam descalços, era porque assim o queriam, pois das carmelitas de Santo Alberto se sabe que tinham de renda por anno um conto e seiscentos, e dos marianos dos Remedios consta que eram muito da simpatia de Filipe II de Hespanha, que para cá os trouxe, e não deixava que sofressem privações. Só á sua parte tinham os frades da Graça quarenta mil cruzados de renda, além dos fóros de trigo e cevada, da cêrca, das quintas da Portella, de Santa Catharina de Ribamar, de Aldeia Gallega do Ribatejo, de Caparica e Alhos Vedros. E as freiras de Santa Clara, que chegaram a ser duzentas e trinta no mesmo convento, com mais trinta pupilas e noviças, dez seculares, trinta criadas da comunidade, quatrocentas e trinta particulares, e quarenta e quatro servilhetas, se não vivessem contentes com as isenções e privilegios que recebiam de reis e papas, e não lhes bastassem os senhorios de Panella e de Sorrilhos e os seus muitos fóros e juros, muito exigentes seriam...

E eram. Era-o, pelo menos, uma d'ellas, que não contente com tudo isso queria mais alguma coisa. Que coisa, ninguem o soube, ao certo; mas coisa boa não seria, não.

Altas horas da noite, vinha um cavaleiro rondar os muros do convento, e a um certo signal se aproximava e falava. Mas tão de manso o fazia, e com tanto cuidado embrulhava sempre em panos as ferraduras do seu cavalo, que ninguem sonharia sequer da aventura.

Dá se porém um desacato na proxima Egreja de Santa Engracia. Roubam o cofre de tartaruga e prata que encerrava as particulas.

Procura-se o ladrão sacrilego, e só se encontra no caminho, recolhendo a casa, o cavaleiro audaz das rondas ao convento, Simão Pires de Solis, de sangue nobre e limpa geração. Perguntam-lhe d'onde vem, e não responde; querem que diga o que andara fazendo n'essa noite, e elle nem por sombras pensa em macular a reputação da freira. Fazem-lhe tratos, obrigam-no a confessar o crime que não cometera, metem-no em prisão emquanto não é proferida a sentença que depois lhe manda cortar as mãos e queimá-lo vivo. E é quando elle está espiando já a culpa que foi d'outro, nas vesperas do suplicio, que a freira de Santa Clara lhe manda dois melões, um inteiro, outro calado, recomendando muito «que o calado é o melhor».

E ninguem soube afinal o que a freira queria!

João Prudencio.

PROJETO DE MONUMENTO A JOÃO DE DEUS

Pelo esculptor Moreira Rato

Esteve exposto ao publico no *atelier* do sr. José Moreira Rato, um projeto de monumento a João de Deus, feito pelo talentoso esculptor, e que reproduzimos na primeira pagina.

Durante alguns dias foi grande a concorrencia de pessoas a visitar o *atelier* e a apreciar a *maquete* do monumento consagrado ao grande lirico, ao poeta mais popular dos nossos tempos, a João de Deus.

O munumento, cuja base é octogonal, sobre esta eleva seu pedestal quadrangular, formado por dois corpos, sendo o inferior mais baixo e o

superior mais alto e estreitando para cima, com elegancia, resaltando suas molduras e motivos ornamentaes, talvez em demazia, de que, em nosso entender, não se deve abusar em coisas de arte.

O monumento glorifica bem o poeta, vendo-se logo na base um belo grupo alusivo ao seu metodo de ensino, representando uma figura de mulher que ensina duas creanças a lêr na *Cartilha Maternal*. Por detraz deste grupo, um anjo segura a bandeira portuguêsa. Em volta do pedestal sobre que se eleva a estatua, desenvolvem-se duas figuras, como duas musas e genios da poesia segurando grinaldas de flores que oferecem ao poeta.

A estatua representa João de Deus sentado e com a cabeça apoiada sobre a mão direita, em atitude meditativa.

E' bem imaginado o monumento com suas alegorias e muito semilhantes a expressão e figura de João de Deus. As figuras das musas muito graciosas, e o grupo da base bem composto, produzindo um conjunto harmonioso.

JOSÉ MOREIRA RATO JUNIOR

A boa impressão que a vista do projecto produzio nas pessoas que o viram, fez crear uma corrente em favor da sua execução, interessando-se, principalmente, nisso muitas senhoras da primeira sociedade, entre as quaes escritoras e poetisas, que logo trataram de organisar uma comissão composta das sr.as D. Olga Moraes Sarmento da Silveira, D. Branca de Gonta Colaço, D. Albertina Paraiso, e os srs. conselheiro Ferreira do Amaral, Braancamp Freire, visconde de Carnaxide, João Fletcher, Mello Barreto, Higino de Mendonça, Marrecas Ferreira, Avelino de Almeida, Luis Trigueiros, Eduardo de Noronha, Jorge Colaço e Oliveira Simões.

Esta comissão iniciou os seus trabalhos em 7 do corrente, reunindo na Sociedade de Geografia em sessão preparatoria, que foi ao mesmo tempo uma homenagem á memoria de João de Deus, pois, além do elogio do poeta feito pelo sr. Ferreira do Amaral, que assumiu a presidencia, fez o erudito professor dr. Teofilo Braga uma conferencia sobre a obra de João de Deus, e foram recitadas poesias, entre ellas um soneto do sr. Annes Baganha, expressamente escrito, e de João de Deus, pela distinta poetisa D. Branca de Gonta Colaço.

A sr.a D. Virginia Quaresma, distinta escritora, congratulou-se com a ideia da comissão, que seguramente encontrará em todo o povo português o melhor acolhimento, pois todos estimarão concorrer com a sua quota para obra tão simpatica e digna como é elevar um monumento ao grande poeta lirico e apostolo da instrução popular para o que fez a sua *Cartilha Maternal*.

Tambem recitou um soneto seu o sr. Oliveira Simões, e o sr. Marrecas Ferreira leu um discurso pondo bem em relevo a justiça de se levantar um monumento ao poeta do *Campo de Flôres*.

Esta sessão, para que fomos convidados e á qual, com muito pesar nosso não podémos assistir por causa de outros compromissos, foi como se vê uma delicada festa em honra de João de Deus, que bem merece todas as homenagens que se prestem á sua memoria.

Na desventura d'Italia

Nação Italiana! em tão má hora,
Portugal sente bem teu soffrimento;
E é prezo do mais fundo sentimento
Que comtigo soluça, geme e chora!

* * *

Paiz cheio d'amor e de ternura!
De Vinci patria bella e Ticiano;
Com esse encanto teu Napolitano,
De grandeza repleto e formozura!

Nação d'onde sahiram soluçantes
Os threnos d'essa linda poesia,
Que nos faz, em torrentes d'harmonia,
Sonhar e delirar como os amantes!

Tu tens dentro de ti a antiga Roma
Reliquia d'um passado de grandeza, —
E o seductor encanto de Veneza,
Flôr de bem delicado e fino aroma.

Cantaram a teus pés Petrarcha e Dante,
Estrellas de brilhar resplandecente,
Por fórma tão ditosa e commovente,
Que faz de goso, a alma, inebriante!

De Rossini e de Verdi, patria querida,
Senhores da ternura musical,
Toda cheia d'amor celestial.
Que aligeira os pezares d'esta vida!

Paiz d'onde brotou esse pincel
Tão bello, tão divino e venturozo,
Que deu tanto trabalho magestozo
Guiado por Corregio e Raphael!

* * *

E eu vejo essa pintura seductora
Velada pelo crepe da tristeza!
E vejo d'um carpir convulso, preza,
A bella poesia scismadora!

E ouço os sons d'essas lyras, gemebundos.
Dolentes, taciturnos, anciosos,
Sem brilho e sem fulgôr, — desgraciosos,
Como que a suspirarem ais profundos!

E sinto o soluçar angustioso
De tantos desgraçados sem abrigo!
Ou d'outros, a quem falta o ente querido,
Perdido n'esse cahos espantoso!

E vejo tudo em luto amargurado
Em hora tão pungente e desditosa!
E vejo que essa Italia tão formosa,
Tem o seu coração despedaçado!

Só pezar sempre vejo; só gemidos
Aos meus ouvidos chegam, lacrimosos; —
Lamentos suffocados, horrorosos, —
Clamores maguados, doloridos!

* * *

Felizmente, essa nuvem tenebrosa
Qu'escureceu teu sol formoso e lindo
Cauzando um sentimento triste, infindo,
De dôr tão cruciante e tormentosa:

Brevemente será desvanecida,
Mercê do bello impulso de bondade
Que leva junto a si a «Caridade» —
De toda a humanidade commovida.

* * *

Nação Italiana! em tão má hora,
Portugal sente bem teu soffrimento;
E é preso do mais fundo sentimento
Que comtigo soluça, geme e chora!

Vizeu — 1909.

NUMA POMPILIO.

THEATRO DE S. CARLOS

A Tetralogia de Ricardo Wagner

Siegfried

Quando terminámos de ouvir a primeira jornada, isto é, a *Walkyria*, pelo nosso espirito a musica do grande mestre de Bayreuth, já prevera que nasceria em breve um fructo dos amores ardentes dos filhos do deus Wottam, de *Siegmund* e de *Sieglind*.

Esse filho, esse heroe encontramo-lo n'esta segunda jornada, e é n'esta parte da *Tetralogia* que nós começamos a ter conhecimento, com a mocidade do heroe, com o seu ar irrequieto para as grandes aventuras, brandindo a nova espada que elle forja com os restos da *Nothung*.

N'esta opera, tornamos a estar em contacto com personagens nossas conhecidas, como: *Mime, Alberich, Fafner, Erda, Brunhilde;* apenas o deus *Wottan*, apparece na terra com as vestes de *pegrino*, e como personagem nova, temos o *Siegfried*.

A figura d'este heroe foi sempre para Ricardo Wagner d'uma grande sympathia! Assim, pelas suas cartas e escriptos vemos que o auctor do *Rienzi* antes mesmo de se dedicar definitivamente á *Tatralogia*, já se tinha occupado de duas operas — *A mocidade e a morte de Siegfried;* e foi então que o seu grande genio de philosopho e poeta concebeu a idéa de escrever essa epopêa colossal da *Tetralogia* que abrangesse todos os acontecimentos passados antes do nascimento de *Siegfried*, e que tivesse a conclusão na grande opera do *Crepusculo dos Deuses*, assumpto de que tratarei no proximo artigo.

A figura de *Siegfried* na obra de Wagner, possue um logar bastante especial. Ao passar pela nossa mente os outros dois heroes, *Lohengrin* e *Parcifal*, *Siegfried* é visto no *Nibelungelied*, como o heroe considerado o mais bello! Assim, a lenda escandinava (Völsunga) ellogia Siegfried, referindo-se aos seus cabellos louros em anneis, ao seu corpo gentil, ao olhar brilhante, etc.

Foi finalmente Ricardo Wagner, que deu a esta personagem um caracter bastante especial; muitos se teem inspirado n'este assumpto, a sua lenda é assaz espalhada. Assim entre outras, Hans Sachs, tomou-o como assumpto para uma das suas tragedias; existe um grande numero de *baladas, canções* e *cantos* em que *Siegfried* apparece constantemente, chegando-se a dizer que *Siegfried* repousa com outros heroes no castello de Geroldseck, e que apparecerá no dia em que o povo allemão estiver no maior perigo!!

Se fossemos deixando correr a penna sobre as conclusões a que têem chegado os maiores especialistas wagnerianos, occupariamos umas poucas de columnas d'esta revista, por isso passaremos a uma rapidissima analyse da partitura e do desempenho.

Vemos em toda esta musica um lado *sombrio*, a revelar constantemente o fim tragico que desponta ao longe, a parte *comica* da humanidade, personificada em *Mime*, o lado *heroico e grandioso* nas principaes scenas de *Siegfried*, a parte poetica nos *murmurois da floresta* e na *voz do passaro* e finalmente o amor, com todo o seu aspecto sublime e grandioso na ultima scena do 3.º acto, n'esse notavel duetto entre *Brunhilde* e *Siegfrield!*

O trabalho orchestral, indica-nos constantemente, atravez dos *Leit-motivos*, as situações do drama, ora revelando-nos passagens preteritas, ora desvendando ternamente o fim dos deuses, o amor inconstante que será exposto no *Crepusculo dos Deuses*.

Dos artistas, mister é salientar o tenor Pennarini *(Siegfried)*, artista deveras notavel, já como cantor, já como artista, apresentando a personagem de uma forma admiravel, com todos os detalhes dramaticos, feição poetica e amorosa!

A sr.a Stevens, uma *Brunhilde* de boa voz e optima escala de canto. Os restantes artistas, exceptuando a sr.a Fellovock que desafinou bastante no papel de *Erda*, portaram-se muito bem.

A sr.a Zimmerman na *voz de passaro*, cantou muito bem as suas curtas phrases, merecendo applausos. Porque foi que o publico a não chamou?!

A orchestra, apezar de executar uma partitura tão difficil, foi sempre correcta, sob a habil batuta do maestro Beidler.

No proximo artigo falarei do *Crepusculo dos Deuses*, que deve ser amanhã cantado.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Franz Costa

Ottilie Costa

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVI

(Continuado do n.º 1089)

Recolhido o préstito, cantaram-se na ermida matinas e laudas e no dia quinze do mesmo mez foi celebrada a primeira missa, havendo sermões de manhã e á tarde.

A ermida tinha tres altares. No maior venerava-se a imagem da padroeira; o da parte do evangelho era dedicado a Frei José de Calazans e nelle se ostentava uma pintura representando o fundador da religião das escolas pias, posto de joelhos na acção de oferecer á mãe de Deus um pequenino orfão.

Este painel vem reproduzido em gravura no citado livro do Padre Antonio Luiz de Carvalho.

No altar do lado da epistola via-se outra pintura, representando S. Jeronimo Emiliano ensinando a doutrina aos meninos, no meio de uma praça.

O tecto da ermida era de estuque e tinha ao meio um painel com os sete fundadores da religião dos servos de Maria, estando um delles recebendo o escapulario das mãos de Nossa Senhora.

Cirilo Volckmar Machado diz que nesta capella havia um painel do menino Jesus, pintado por Antonio Joaquim Padrão. (1)

Do exterior da ermida sei que, por cima da porta de entrada, estava esculpido em relevo, em pedra-jaspe, um menino sentado nuns arbustos com a cabeça inclinada sobre o braço direito e com o esquerdo estendido, tendo na mão um papel com o seguinte letreiro: *Miserémini mei.*

(1) *Memorias de Cirillo Volckmar Machado.*

Aloris Pennarini

Uma ultima nota: Levou a ermida tres annos a construir, gastando-se 8.500 cruzados, tudo de esmolas, tendo os orfãos trabalhado como artifices naquella obra, afim de se poupar o mais possivel.

Nem sombras do pequeno templo se pódem advinhar hoje, no local onde existiu. Que rumo levariam os quadros e as imagens?

Só de uma sei o destino, é a imagem da padroeira que está hoje na paroquial igreja de S. Mamede.

No edificio do seminario esteve ainda, em 1838, instalada a Junta da Bulla da Santa Cruzada. Foi o que pude apurar de mais recente.

Lembra-me agora uma phrase do Padre Carvalho que bem cabe neste logar: *Queira Deus que para o futuro se não esfrie a caridade dos fieis.* (1)

* * *

A' esquina da rua do arco de S. Mamede para S. Bento, fica um grande predio de dois andares, caiado de branco, que per-tence actualmente ao sr. conselheiro Pequito, um dos tres ministros de estado que demora no arruamento essencialmente politico.

Essa casa pertenceu a um oficial italiano, Narciso José Thomás Guido, que passára a Portugal, com sua esposa e um filho, de nome Anthero, ahi por 1837 a 1838. Ahi faleceu alguns annos depois ficando a viuva e mais duas filhas, já nascidas em Lisboa, ao cuidado de Anthero Guido, que de tal maneira se desviou do bom caminho que, a breve trecho deixou a familia na miseria, morrendo aos 32 annos em virtude de excessos e libertinagens. A viuva do, tam-

(1) Citada *Vida do Glorioso Frei José de Calazans*, traduzida pelo Padre Antonio Luis de Carvalho e noticia junta—Pagina IX.

Exposição de Quadros de Teixeira Bastos

O almoço da Anna Velha

Castanheiros (Vales)

Viriato

Julio Teixeira Bastos

bem extravagante, miliciano, roida de desgostos, apenas quatro annos sobreviveu ao filho, deixando na miseria e ao abandono as duas filhas Maria Amalia e Josefa Adelaide Brandi Guido, que vieram a celebrizar-se com o pitorêsco nome de *manas perli quitetes*.

A mais velha faleceu ha annos na rua da Penha de França. Josefa Adelaide, ou mais vulgarmente a D. Adelaide, morreu tambem a 10 de setembro do anno passado, contando 60 annos de idade e poucos menos de miseria, sendo assistida nos ultimos momentos por uma sua irmã bastarda de nome Maria da Piedade, uma pobre velha surda e tropega que ainda vive. (1)

Não quiz deixar de mencianar nesta cronica do passado a historia infeliz dessas duas desprotegidas da fortuna.

O mundo riu-se dellas; o povo trazia-a ás vaias. Não podiam sair senão sob uma chuva de insultos e de chufas e o menos que logravam eram os frouxos de riso dos menos atrevidos. Andaram ridicularisadas nos palcos e apupadas nas ruas e ninguem ao passar por ellas, vendo-as andrajosas e famintas, reparava que acima do ridiculo que lhe sugeria um riso, havia nellas uma coisa que bem melhor pediria uma lagrima: a degradação a que as levou a miseria e a fome. (1)

E' tempo de terminar o capitulo.

Antes porém do ponto final, não devo abandonar a rua sem falar da afamada farinha de S. Bento que até 1834 se vendia numa botica instalada na portaria do convento e que depois passou a vender-se numa loja da rua de que é naturalmente representante o estabelecimento que hoje tem os n.os 374 e 376 e que se intitula *Antiga Fabrica da Farinha de S. Bento — Fundada em 1864*.

Por hoje, basta.

G. de Matos Sequeira.

(1) Noticias insertas no jornal *O Seculo* de 27 de janeiro e de 11 de setembro de 1907.

(1) Adelaide Brandi, faleceu no terceiro andar do n.º 109 da rua de S. Roque.

Descantes

N'este mundo d'amargura
Em que gemo desterrado,
Ao teu olhar creatura,
Eu passo a vida amparado.

—

Sonhei um dia ser rico,
Triste ventura é sonhar,
Ser rico, pobre mendigo
Da esmola do teu olhar.

* * *

A exposição de pintura no «atelier» de Teixeira Bastos

Exposição de quadros de Teixeira Bastos

Quando no ultimo numero desta revista nos referimos á Exposição da Sociedade Silva Porto, anunciamos a de Teixeira Bastos que abriu no dia 1 do corrente, no *atelier* do distinto professor da Escola Rodrigues Sampaio, já bem conhecido por suas obras de pintura.

O sr. Julio Teixeira Bastos, expoz agora no seu *atelier* da rua Rodrigo da Fonseca, os trabalhos dos ultimos tres ou quatro annos, que tantos medeiam entre a sua anterior exposição e esta, e mostra que não esteve ocioso, apresentando sessenta e dois quadros a oleo e uns quatro desenhos a carvão.

Varios quadros de paisagem, alguns de boas linhas e efeitos de luz, de figura e genero, natureza morta, e de composição, como o de *Viriato* e *Beijo de Judas*, este sob uma tonalidade quente, quasi de fogo, em que as figuras se esfumam um tanto, e aquele o lendario pastor e guerreiro dos Herminios com seus companheiros resistentes, esperando algum assalto dos romanos que os varriam da Lusitania. O assunto é vago como vaga é a historia neste ponto, entretanto o sr. Teixeira Bastos, conseguiu imaginar uma composição, que, se bem não nos empolgue pelo arrojo ou pela intenção viva das figuras do seu quadro, não desagrada como motivo de paisagem montanhêsa, reproduzindo, sob a maneira do pintor, essa decantada Serra da Estrêla que foi o teatro onde se bateram aqueles, acaso, primitivos habitantes da peninsula.

Dissémos, sob a maneira do pintor, e de facto o sr. Teixeira Bastos, tem uma maneira muito sua de pintar, quer nos tons da sua paleta, quer no processo de aplicar a tinta sobre a têla, um tanto hesitante.

Questão de temperamento e orgão visual, que de resto se manifesta nas produções de cada artista, em que não domina uma escola bem firmada, sem que esta circunstancia tire o valor de cada um.

O sr. Teixeira Bastos é um artista de merecimento, apreciavel por seus quadros, que figuram nas galerias de muitos amadores de pintura, e agora no seu *atelier* se podiam vêr quantos foram adquiridos por visitantes da sua bela exposição muito concorrida, e pela qual o felicitamos.

C. A.

NECROLOGIA

Conde de Burnay

Os jornaes do dia 30 de março findo, davam a lutuosa noticia da morte do primeiro banqueiro português, o sr. Conde de Burnay, ocorrida, no seu palacio da Junqueira, pelas nove horas da noite de 29.

Pela primeira vez alguns desses jornaes ensarilharam armas para falar do banqueiro, que por sua inteligencia e trabalho incessante se nobilitou e enriqueceu, fazendo tão grande destaque na sociedade portuguêsa, que se tornou alvo da admiração de uns e da inveja de muitos.

Mas a prodigiosa atividade do homem de negocio não despertaria tantas animadversões se a politica o não enredeasse na sua teia que tudo e todos avassala, que ora eleva, ora desprestegia á mercê das paixões. Não foi que o nobilitado banqueiro a procurasse, mas procuraram no e desde esse momento a sua personalidade destacou-se nos negocios oficiaes, como já era notavel nos negocios particulares.

Ha na humanidade vocações que tanto se pronunciam nas ciencias, nas letras e artes, como nas armas, nas industrias e no comercio. O conde de Burnay foi uma extraordinaria vocação comercial auxiliada por uma inteligencia clara e atividade fisica pouco vulgares, como se vae vêr da sua biografia.

Henrique Burnay, depois conde de Burnay, nasceu em Lisboa a 7 de janeiro de 1838 e foi batisado na paroquial dos Martires, sendo filho do dr. medico João Henrique Burnay e de Lambertina Forgeur, belgas residentes em Portugal. Era, portanto, português e não belga, como a imprensa o quiz naturalisar em uma das muitas campanhas que lhe moveu.

Foi educado no Colegio Luso-Britannico e aos 17 annos de edade, tendo dado boa conta dos seus estudos, iniciou a carreira comercial, na casa de sua avó Viuva de João Baptista Burnay, começando desde logo a revelar a vocação para o negocio, e como caixeiro viajante das casas de Eugenio Larouy e Carlos Krus, principiou a relacionar-se por todo o país e no estrangeiro, adquirindo praticamente conhecimentos comerciaes de que soube fazer bom uso para desenvolver os seus negocios pela vida fóra.

O futuro banqueiro, principiando a sua carreira por 1855, fazia-o na epoca em que o país, tendo-se pacificado das guerras e lutas politicas que o absorveram por mais de meio seculo e lhe travaram todo o progresso, entrava a desenvolver e a reformar tudo, onde tudo tinha estacionado e tudo estava por fazer para acompanhar os progressos da vida moderna.

Conde de Burnay

A inteligencia esclarecida de Henrique Burnay e a sua atividade tinha, pois, um belo campo para se desenvolver, como aconteceu.

Havia industrias novas a introduzir, estradas e caminhos de ferro a fazer, especulações comerciaes por iniciar, o credito por desenvolver, e então Henrique Burnay, fez se industrial, fez se empreiteiro, comerciante e por fim banqueiro, tudo isto num trabalho incessante, muita vez, parece que duplicando as presenças para atender a uma parte e a outra, a negocios no país e no estrangeiro, quantas vezes sahindo de sua casa de manhan, e, sem o esperar, ter de ir a Paris ou a Londres, e sem perda de um minuto em voltar a casa, partir com a mesma facilidade com que se vae a Cintra ou se embarca para Cacilhas. E não se pense que procedia assim por menos consideração que tivesse pela familia, antes pelo contrario, era pela familia, que elle estremecia, todo este afan, com o seu espirito pratico, desconhecendo completamente o *amanhan* português, com que os filhos desta terra guardam o trabalho para quando não teem mais nada que fazer.

Foi assim que elle implantou industrias no país, fundou empresas e estabeleceu a sua casa comercial sob a firma Henry Burnay & C.ª cuja importancia é sobejamente conhecida em Portugal e no estrangeiro.

Não é facil enumerar minuciosamente quantas empresas Henrique Burnay fundou ou em que tomou parte, desde a sua primeira tentativa empresaria de divertimentos no Palacio de Cristal do Porto, a que se seguiu o bazar no mesmo palacio, que produziu uma revolução no comercio portuense, pela variedade e barateza dos artigos expostos. Nesta empresa foi de sociedade com Heitor Guichard, daquella cidade, e ao Porto ficou sempre afeiçoado, trabalhando para conseguir a construção do caminho de ferro de Salamanca á fronteira de Portugal e tomando parte na Companhia das Docas e em outras empresas portuenses, com que prestou uteis serviços, que a Associação Comercial do Porto lhe reconheceu, elegendo o seu socio honorario.

Mas em quantas mais empresas encontramos Henrique Burnay: Companhia Thetis, do Porto; Empresa Industrial Portuguêsa, a primeira fabrica metalurgica do país; Companhia de Tecidos Aliança e Companhia União Fabril, com fabricas em Alcantara, Barreiro e Alfarrarede; Companhia do Bairro Camões; Companhia dos Tabacos e Companhia Carris de Ferro de Lisboa; a nova fabrica de vidros da Marinha Grande; construcção dos caminhos de ferro da Beira Baixa Foz-Tua, Mirandela, ramal de Vizeu e outros, impossivel de recapitular neste breve bosquejo.

Mas se em todas estas empresas elle provou a sua grande atividade e prespicacia, não demonstrou menos as extraordinarias qualidades financeiras que chamaram a atenção dos governos de Portugal para o encarregarem de operações do tesouro, em suprimentos e emprestimos contratados no país e no estrangeiro, tornando-se, por assim dizer, indispensavel a sua intervenção nestes negocios ha trinta annos a esta parte. D'ahi datou tambem o pôr-se mais em evidencia a sua personalidade e de quanto isso lhe custou-todos foram testemunhas na guerra que muitos lhe moveram e só elle o soube melhor do que ninguem.

Não esmoreceu, porém, na luta; atacado na imprensa e no parlamento, ainda que não fazendo parte delle, defendeu-se briosamente em qualquer dos campos. Na imprensa comprou ao dr. Luis de Almeida e Albuquerque a propriedade do *Jornal do Comercio* e ali combateu os seus adversarios, varrendo completamente a testada; no parlamento custou-lhe mais a tomar logar apesar de se ter feito eleger deputado, porque da primeira vez questionaram lhe a sua qualidade de prestamista ao Estado, e da segunda a nacionalidade, querendo que elle fosse belga, mas uma e outra cousa refutou com a lei e documentos, e quando assente na sua cadeira de deputado, elle expoz as suas razões, provou a legalidade dos seus negocios com o Estado e se mostrou tão português e patriota como, por ventura, aquelles que o acusavam, esses proprios emudeceram por nada terem, acaso, que lhe opôrem.

Mas não parou aqui a luta. Veio a celebre questão dos *Tabacos* com que uma boa parte da imprensa se levantou e essa questão, que se estendeu por mais de dois annos, foi uma luta tenaz em que se viu empenhado o conde de Burnay, demasiadamente entrado em annos, para que lhe desse abalo.

Por esse tempo encontrám'o-nos uma vez com elle na sala de espera do ministerio da fazenda, para falar ao ministro. O conde de Burnay chegou depois de nós e sentou-se em uma cadeira em nossa frente encostada á parede. A sua aparencia era calma, se, acaso, no seu espirito não volteavam os calculos financeiros que sempre o preocupariam. Tirou da algibeira do seu colete branco o relogio, viu as horas e quedou-se. A breve trecho, quando de novo o olhámos, a cabeça deitada para traz, apoiava-se na parede, os olhos cerrados, o financeiro dormia! Mau prognostico nos sugerio aquelle sintoma. O coração resentia-se já de tanto labutar, pronunciava-se o cansaço, o sangue descia ao primeiro momento de repouso do corpo e vinha o somno.

Entretanto o conde de Burnay não se dava facilmente por vencido, e lutou até ao fim da

vida, como qualquer desportegido da sorte. Era o seu temperamento.

Se pelo coração morreu tambem muito por elle viveu. Que o digam aquelles a quem o conde de Burnay beneficiou, lhes deu a mão, os ajudou, bem longe dos egoismos que lhe atribuiam.

Soube viver e soube gosar. Quando a fortuna lhe permitiu rodear-se de comodidades, de opulencias, de luxo, não regateou essas regalias da abastança. O seu palacio da Junqueira era habitação de um nababo, a riquesa emparelhava com a arte, as suas salas eram museus de coisas preciosas e artisticas. As festas com que recebia seus convidados eram recepções principescas num palacio de fadas, que encantavam, onde não faltava a profusão de luzes, em ricos candelabros, nem o perfume das mais esquezitas flôres dispostas com arte por todos os salões, e que tambem se podiam admirar nos magnificos jardins onde se creavam com mil cuidados.

O sr. conde de Burnay foi um patriarca na familia numerosa que constituiu, deixando do seu casamento, que contrahiu em 17 de dezembro de 1863 com a sr.ª D. Maria Amelia de Carvalho, atual condessa de Burnay, cinco filhos e quatro filhas, dos quaes só dois se conservam solteiros, havendo á data do seu testamento, feito em 12 de setembro de 1907, trinta e quatro netos.

Tão numerosa prole, segundo a maxima israelita, era o bastante para constituir a riquesa de seus progenitores, e de facto essa maxima teve aqui sua plena confirmação. A fortuna foi prodiga com Henrique Burnay, favorecendo-o desde o inicio da sua vida de trabalho, que elle soube orientar, sob o ponto de vista da vida moderna, nos grandes centros de movimento dos paises mais adeantados, e por isso as suas iniciativas fizeram tão grande destaque no nosso meio apatico, cheio de preconceitos, de tradições fidalgas, que não se compadecem com a democracia destes tempos.

Henrique Burnay partio do principio de que o trabalho honrado nobilita, e pelo trabalho se nobilitou na multiplicidade de empresas em que se meteu e com ellas multiplicou sua riqueza.

Quando já adoentado os medicos lhe aconselharam algum descanço, procurou os Pyrineus e ali fez edificar, em Vernet-les Bains, uma casa pára ir, com sua numerosa familia, passar a temporada de verão. Mas até nisto o seu genio industrial se afirmou, pois deu á habitação que mandou construir as proporções de um hotel onde, não só acomodasse a familia com todas as comodidades, mas outras familias que quizessem gosar aquella deliciosa estancia. Fez mais, mandou para lá um dos seus melhores empregados do Hotel Central, de Lisboa, dirigir todas as instalações e organisar todos os serviços, com pessoal que falasse português para bem servir os portuguêses que ali vão. A esta instancia deu o nome de *Grande Hotel de Portugal* e lá tem arvorada a bandeira portuguêsa, como uma ramificação da nossa patria em terra estrangeira.

Esta pequena nota, na laboriosa vida do grande banqueiro, não deixa de afirmar o seu espirito patriotico. Ainda mais: encarregado ha annos por Antonio de Serpa de contratar um emprestimo no estrangeiro, recebera do ministro autorisação escrita para dar de penhor os caminhos de ferro do Estado. O conde de Burnay realisou o emprestimo e dando contas da sua missão ao ministro, entregou-lhe a autorisação que levara, dizendo: «Desta vez, felizmente, ainda não foi preciso usar de tal recurso».

Como dissémos, o sr. conde de Burnay teve sempre grande simpatia pela capital do norte, onde quasi iniciara a sua vida de comercio, e essa simpatia provou-a por obras de benemerencia, como foi, em 1890, quando as classes pobres sofriam uma crise horrivel, elle dirigiu-se ao *Comercio do Porto* com o nucleo de uma subscrição que subiu a perto de sete contos de réis, destinados a resgatar penhores com que foram restituidas a centenas de familias as suas roupas de que estavam privadas. Ainda, em 1899, contribuiu tambem com largo donativo para a construção de casas de operarios, iniciada pelo *Comercio do Porto* e que está sendo um dos grandes melhoramentos daquella cidade.

Em 1895, por ocasião do Centenario Antonino, em que o sr. conde de Burnay tomou parte activa, elle quiz tambem particularmente celebrar essa data, fundando proximo ao seu palacio da Junqueira a Villa Santo Antonio com habitações para operarios, banhos, comida, luz e agua, tudo modelar e por preços modicos ao alcance das bolsas pobres, e sem mira de ganhos, escola gratuita e capela.

Eis o espirito pratico deste homem que tão alvejado foi pela critica nem sempre consciênciosa e justa.

Respondendo a essa critica, o sr. conde de Burnay inscreveu no seu brazão de titular esta divisa: *Faz o bem e tapa os ouvidos.*

Mas a consciencia publica não deixou por isso de uma ou outra vez se manifestar e ainda em 1906 o conde de Burnay recebia uma prova dessa consciencia na manifestação que lhe fez o Atheneu Comercial de Lisboa, inaugurando o seu retrato na sala de honra. Foi em 31 de dezembro daquelle anno, dia em que se completava meio seculo que Henrique Burnay havia recebido a primeira remuneração por seu trabalho na vida comercial. Esta coincidencia a fez sentir em carta que elle dirigio ao Atheneu agradecendo a homenagem que aquella agremiação de «homens bons e de homens de bem» (assim se expressava) lhe prestava.

Vê se que a nobresa que conquistou, não o fez esquecer os principios da sua vida, como tambem declara em seu testamento que, com o favor de Deus e proteção de valiosos amigos, especialisando os seus socios srs. Ernesto Empis e Eduardo John o ajudaram a aumentar seus bens.

Descançou emfim da luta, mas o seu nome fica bem gravado na historia moderna do nosso país, como o de uma individualidade bem distinta e que nella teve grande influencia que o futuro julgará.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1090)

— Adoravam-na! Era filha de Roberto Bellenden, que fez o barbarismo, de construir á sua custa, o caminho de ferro americano do Nordeste, e depois montou as grandes fabricas de aço. Afogou-se, quando perdeu o *Elba*. O filho continuou os negocios do pae, mas a filha é que foi a herdeira de toda a sua fortuna, ou da maior parte d'ella. Ruth, que sempre gostou do mar, já no tempo de seu pae era proprietaria de uma bella galera. Quando se encontrou orphã comprou o *Manhattan*. Foi talvez a sua infelicidade, porque aquelle barco foi o causador de que Ruth visitasse os portos do Mediterraneo, e ali se enamorasse do violinista. Inculcava-se cavalleiro e titular, e conhecia a fundo as mulheres. Tinha arranjado dinheiro, Deus sabe como, mas com certeza que não foi com o violino. Esteve algum tempo no Pacifico, segundo dizem, e conhecia tambem a America, onde exerceu differentes officios. Foi ali que se inteirou da existencia d'estas ilhas, que como sabes, estão no caminho de Yokohama a S. Francisco. Muitos barcos se teem perdido n'estes recifes. Não é sitio proprio para se passar uma lua de mel, e menos ainda para trazer para aqui uma joven e bonita senhora, como Ruth. Só um doido ou excentrico, seria capaz de fazel-o.

Seguia entregue a estas reflexões, pensando que talvez Edmundo Czerny soubesse melhor do que eu, o motivo porque tinha trazido Ruth Bellenden para a ilha, quando appareceu um homem correndo, e chamando-nos em altos brados, nos perguntou para onde diabo nos dirigiamos.

Depois de o analysar bem de alto a baixo, olhei fito o meu interlocutor e com a delicadeza propria d'um marinheiro que se presa, exclamei.

— Ora vai para o diabo, amigo! Que te importa onde vamos? Quem és tu, para nos interrogar?

Era um homem de elevada estatura, barba alourada, vestindo um fato de panno azul, e tendo na cabeça um bonet de pala á americana, como os que usam os officiaes da marinha mercante.

Tinha a cara picada de bexigas, um tanto amarellada como se padecesse de ictericia, e trazia um oculo de alcance debaixo do braço.

Havia subido pelas pedreiras que se viam um pouco abaixo do sitio onde estavamos, e olhando n'aquella direcção descortinei logo um pequeno bungalow rodeado de jardins.

— Lá está a casa de Ruth — pensei eu — e este individuo deve ser algum official do yacht de Czerny.

— Não tem que se apressar, — disse elle, — sabe o senhor que isto é propriedade particular, e que não tem direito de desembarcar aqui, sem auctorisação do dono?!

— Ah! sim?!... Com que então eu, venho de proposito para vêr essa cara de alforreca, e é assim que me agradeces, não?!... Vira de bordo! Com quem tenho de falar é com a tua senhora, a quem conheci muito antes de terem enforcado teu irmão Judas, em... em S. Francisco.

Soltou uma praga e julgo que teve bastante vontade de medir farças comigo, mas voltando-se, viu uma figura branca á porta do bungalow que devia ser Ruth, e mudando de intenção, disse sorrindo:

— Avante!... Já vejo que sois de boa tempera. E d'onde vindes e o que quereis, pode-se saber?

— Camarada, a meu porto é Southampton e a minha bandeira podes vêl-a no barco que além está. Leva-me até á casa de madame Czerny, que vejo ali entre os massiços de flôres, e dentro em cinco minutos, saberás de mim tudo que desejares.

Depois tomando um ar galhofeiro, continuei:

— Diz-me cá, ha muitas raparigas bonitas n'este Paraizo? Devem ser bastante felizes em contemplarem essa cara de limão azedo!...

O meu interlocutor não gostou muito da chalaça, mas fez de conta que não percebeu, e começamos a caminhar para o ponto indicado, fazendo-me pelo caminho uma aluvião de perguntas, a que tratei de responder cortezmente, e conforme me pareceu.

Como todos os homens do mar, aquelle sabia guardar para si, os seus pensamentos mais reconditos.

— O patrão não está na ilha, — dizia elle; — foi a S. Francisco. Tivestes muita sorte em chegar n'esta occasião, por que elle não gosta de vêr gente estranha nos seus dominios. E' um homem assombroso... á sua maneira, já se vê. Deveis voltar para bordo antes que anoiteça, porque de contrario, podeis encontral-o. Segui o meu conselho e... largai quanto antes. Esta praia é insalubre.

— Lembro-me perfeitamente de teu amo; dançamos juntos o fandango n'alguns portos da Europa. Era então um prodigio com o violino na mão. Minha ama fazia d'elle o que queria, e supponho que terá ainde hoje algum segredo maravilhoso para continuar a fazel-o.

Estas palavras fizeram-no pensar um bocado, e não se passaram muitos segundos sem que adivinhasse quem eu era.

— Ora espera!... Já sei quem sois!... Deveis ser Jasper Begg, que commandava o *Manhattan*, yacht da senhora. Tenho ouvido falar muito a vosso respeito, á patrôa principalmente. Ficará bem contente quando vos vir, creio. Mas parece-me que não succederá outro tanto a meu amo. Esta ilha é um Paraizo mais fixo que o sol, mas muito solitario para mulheres... e por isso... a patrôa não gosta muito d'elle!... Não que ella se queixe, lá isso não!... Mas, uma mulher que possue tantas joias, nova e formosa... sempre aqui

mettida... Se o patrão quizesse, podia-lhe mandar fazer uma dentadura de brilhantes... Pois apesar de tudo, ella está sempre a pedir-lhe para a levar a passeio até á Europa, e elle nada!... D'aqui, questões... ralhos... desgostos, emfim!

Estavamos já proximo da casa, por detraz da qual, sobresaíam alguns rochedos e sobre os quaes pairava uma nuvemsita que parecia fumo.

Dolly caminhava atraz de mim silencioso e farejando como um cão de caça. Não posso nem sei descrever aqui, as sensações que sentia conforme me approximava d'aquella casa.

Ia finalmente vêr Ruth Bellenden! Lá estava, sim, ali, no jardim, sem ter mais nada a impedir a minha passagem, do que aquelle homem amarello, que me fazia perguntas e dava conselhos, parando a cada momento.

A Casa Submarina, Cap. III — Miss Ruth, aqui estou ás suas ordens

— Tome o meu conselho, Mr. Begg. Abandone a ilha e não faça caso de conversas de mulheres, — me disse elle novamente collocando-se-me na frente como a impedir-me a passagem. — Fiz mal em o deixar desembarcar, ou... talvez tenha feito bem, quem sabe!... Mas a minha obrigação, quer a bordo quer em terra, é cumprir as ordens que me dão, e hei de cumpril-as, ainda que se opponham vinte homens. Tome o meu conselho...

— Meu caro amigo, não vim aqui sómente para te vêr, e se continuas d'essa maneira, não temos nada feito. Acredita que eu tomo aquillo que quero, e não preciso de conselhos!

E sem lhe dar mais satisfações, deitei a correr direito á porta do jardim, levantei o pequeno fecho, e entrei.

(Continúa.)

Ricardo de Souza.